



**Liga Camponesa do Sítio Contador - Buíque/PE**  
**Entrevista concedida por Onofre Alves de Siqueira a Cléa Camêlo de Albuquerque**

Júlia Constança Pereira Camêlo  
Universidade Estadual do Maranhão

O documento é uma entrevista concedida em 1996, por Onofre Alves de Siqueira (Bebelo), já falecido. Apesar de ser apenas alfabetizado, foi um líder muito atuante no movimento camponês de Pernambuco, na década de 50. Um pequeno criador de gado que conjugava essa atividade com a produção agrícola, também de pequeno porte. Tinha uma pequena propriedade, fruto da herança que recebeu dos pais, mas permaneceu solteiro a vida inteira

A década de 1950, no Brasil, é marcada por vários movimentos sociais de cunho popular. Dentre eles, a Ação Católica e as Ligas Camponesas. Ambas partiram do campo e defendiam a organização e a posse da terra. Porém, o enfoque político ideológico era diferente. As Ligas Camponesas eram orientadas pelo Partido Comunista, e a Igreja Católica naquele momento havia elegido como seus inimigos o protestantismo, o comunismo, a maçonaria e o espiritismo.

Enquanto estiveram na legalidade, as Ligas registravam seus estatutos, mas sofriam perseguição, principalmente, da Igreja Católica, devido ao fato de as lideranças camponesas quase sempre estarem ligadas aos quadros do Partido Comunista.

Em 1954, as Ligas Camponesas já haviam se expandido, principalmente, em Pernambuco, onde a maior atuação ocorreu na Zona da Mata, região de concentração das usinas de açúcar. Mas isso não significa dizer que na região do Agreste e Sertão não houve a organização de Ligas, cujas reivindicações tinham demandas diferentes das Ligas organizadas na Zona da Mata.

Em Pernambuco, as Ligas ganharam um caráter revolucionário com a liderança de Francisco Julião, identificado com os comunistas. Francisco Julião e outras lideranças comunistas tiveram que enfrentar padres católicos, muitas vezes, defensores não apenas dos interesses da Igreja, mas também das elites dominantes.

Na década de 60, Miguel Arraes assumiu o governo de Pernambuco. Seu governo manifestava idéias que se aproximavam de problemas populares, porém não comungava da proposta revolucionária de Francisco Julião, pois defendia reformas estruturais do Estado.

Segundo Antonio Callado<sup>1</sup>, mesmo propondo reformas, o governo de Miguel Arraes procurou solucionar as questões divergentes junto às facções em disputa, particularmente, a Igreja Católica e as Ligas.

Na entrevista com Onofre Alves Siqueira (Bebelo), que presidiu a Liga Camponesa no sertão de Pernambuco, localizada no Sítio Contador, município de Buíque, estão presentes alguns elementos que a distingue das Ligas cuja organização buscava de imediato o acesso a terra.

O Sítio Contador fica em uma região em que predomina a pequena propriedade e a sobrevivência na época e, ainda hoje, está pautado no cultivo de roças e criação de animais, como cabras e gado.

A Liga do Contador reivindicava escolas para os filhos dos agricultores, enxadas, para o trabalho nas roças, sementes de milho, feijão para o plantio e semente de algodão. O algodão era utilizado não apenas para ser plantado, mas também, como ração para a alimentação dos animais.

Onofre Alves de Siqueira (Bebelo) relata a perseguição da Igreja Católica, mas evita falar sobre as idéias comunistas e a influência delas na Liga do Sítio Contador, de forma a nos levar imaginar que seu cuidado em não expor os comunistas e suas idéias pode ser reflexo da perseguição por que passou. Talvez ele ainda não se sentisse seguro em 1996, ou quem sabe, não havia superado traumas como a prisão de que foi vítima.

A entrevista tem detalhes interessantes para pensarmos as especificidades dos movimentos populares, que sempre fazem apropriações das idéias e adaptam as necessidades locais da população.

---

<sup>1</sup> CALLADO, Antônio. **Tempo de Arraes: a revolução sem violência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [19--]. (Coleção Mundo Hoje).

## ENTREVISTA

Entrevistado: Onofre Alves Siqueira (Bebelo)

Data da Entrevista: 01/05/1996. Ocorrida no Sítio Capoeira de Dentro.

Entrevistador: Cléa Camêlo de Albuquerque

Local de Nascimento do Entrevistado: Sítio Contador Buíque-PE, em 11/02/1926. Quando ele nasceu o sítio pertencia ao município da Pedra.

---

**Cléa** – Estou entrevistando Onofre, para ele falar sobre a Liga Camponesa, um movimento popular que acontece aqui no sítio Contador nos anos 50. Não é isso **Bebelo**?

**Bebelo** – É 50 mesmo...

**Cléa**- De 50 até...

**Bebelo** – De 50 até 54,55.

**Cléa** – Quem foi que trouxe as idéias da Liga Camponesa?

**Bebelo** – O pessoal de Arcoverde, Luís Porto, Zé Magalhães que inventaram de criar essa organização aqui. Estavam criando em muitos cantos. Tinha no mundo Novo, ainda, mas o movimento progrediu. Aí a gente criou aqui...

**Cléa** – Você lembra o nome das pessoas que faziam parte dessa diretoria?

**Bebelo** – Lembro. Tem Hercílio Alves, que foi presidente. Eulina Moura foi secretária ... agora vice-presidente não tinha não.

**Cléa** – Qual era a idéia da Liga?

**Bebelo** – Reivindicar as coisas possíveis, escola, semente, melhorias na agricultura, recebendo semente, enxada.

**Cléa** – E estas reivindicações eram feitas a quem?

**Bebelo** – Direto à Secretaria da Agricultura.

**Cléa** – E o prefeito da Cidade?

**Bebelo** – Não tinha nada aqui. Fazia o abaixo-assinado e levava direto ao Secretário de Agricultura no Recife. A Prefeitura nunca participou de nada. Agora quando se reivindicou o grupo escolar foi que o prefeito de Buíque, Dr. Zé Cursino não veio, mas mandou um representante dizer que a escola ia sair. Aí veio e eu amarrei. Tio Arcanta (Alcântara) para ser o empregado do material (material). Aí tio Arcanta empregou. Aí passou tempo, ele foi candidato a deputado Estadual (estadual), mas, não se elegeu. Aí mudou de prefeito. O Coronel Félix de França deu a tio Né o tijolo e a telha, mas o tijolo já tava no paio. A telha tio

Arcanta foi fazer. Aí eu consegui para tio Arcanta não fazer. E tio Né deu tijolo para quem quis aí... aquilo era velho, cabra besta! (riso).

**Cléa** – Mas, me diga uma coisa. Quando Félix de França entrou na Prefeitura a Liga já estava se desestruturando?

**Bebelo** – Não, ainda tava estruturada.

**Cléa** - Tava forte?

**Bebelo** – Tava.

**Cléa** – E o que foi que aconteceu com a saída da diretoria? Entrou outra?

**Bebelo** – Entrou. Saiu Hercílio e coisa. Aí parece que foi presidente dela Alípio Pereira...

**Cléa** – E a influencia que vocês recebiam lá vindo direto de Recife. Francisco Julião. Ele teve importância nesse movimento?

**Bebelo** – Teve não.

**Cléa** – Nem mandou nenhum representante?

**Bebelo** – Não.

**Cléa** – E quando foi que se deu a desestruturação? Foi invadida?

**Bebelo** – Não sei que ano eu fui preso ... eu não lembro o ano, mas mataram o finado Camêlo no mesmo dia (pausa) foi em 54. Eu fui preso me levaram para Arcoverde.

**Cléa**- E quando você foi preso era para responder o que?

**Bebelo** – Um inquérito, sobre uma semente que veio. Aí veio uma comissão da Secretaria de Segurança. Eu respondi.

**Cléa** – Eles estavam lhe acusando de que?

**Bebelo** – uma persiga política. Aí eu expliquei tudo e não deu em nada.

**Cléa** – Eles queriam dizer que vocês tinham pegado a semente e não distribuído?

**Bebelo** – É mais ou menos isso.

**Cléa** – Por isso que eles lhe prenderam?

**Bebelo** – Não. Acredito que é porque eu protestei, e essa persiga (pausa). Aí o jornal viu e tava em nome grande. Não era possível uma sociedade registrada na justiça ser invadida pela polícia. Aí o delegado de Arcoverde (...). Eu fui lá e ele prendeu. E só saí com 24 horas.

**Cléa** – Quer dizer que você foi preso após a invasão?

**Bebelo** – Foi. Eu disse que estava errado. A Associação era tudo legá (legal).

**Cléa** – E a polícia invadiu dizendo o que?

**Bebelo** – Veio aí uma comissão, sabendo como tinha feito, por quem tinha sido criada, mas eu resolvi o problema direitinho. Disse que era presidente, tinha andado em São Paulo, tinha visto lá ... coisa ... o caso é que eu fiz uma defesa boa.

**Cléa** – E existia interesse do Governo já nessa época de desestruturar as Ligas?

**Bebelo** – Existia não. Agora aqui a chefia do padre Luís Simão ele não queria que criasse.

**Cléa** – E o Padre Luís Simão? Era deputado Estadual?

**Bebelo** – Era estaduá.

**Cléa** – O Padre era contra o movimento? Por isso que através dele o Governador atuou?

**Bebelo** – Era. Aqui ele era contra demais. Veio uma Comissão da Secretaria da Segurança, um investigador e eu respondi o negócio. Foi um artigo no jorná (jornal). Passei um telegrama para a Câmara para o Deputado Luís de França.

**Cléa** – Vocês tinham um deputado que apoiaria?

**Bebelo** – Não, Luís de França protesta lá, que ele disse que um doente mentá (mental) não fazia o que o padre tinha feito aqui. Luís de França, também protestou.

**Cléa- Bebelo**, você como participante desse movimento naquela época dos anos 50. O nosso interior fica muito distante da Capital, como é que você avalia aquele movimento, se ele tivesse resistido mais tempo, a nossa realidade seria diferente?

**Bebelo** – Se conseguisse reivindicando e o Governo fosse soltando as coisas, aqui tava mito bom, tinha muita coisa direito, a gente tinha de reivindicar se o governo desse.

**Cléa** – Mas o que o senhor acha que atrapalhou esse movimento?

**Bebelo** – A persiga política do padre Luís. O povo se afastou.

**Cléa** – Naquele tempo foi o regime militar?

**Bebelo** – Não. Era civir (civil). Aí o pessoá (pessoal) teimoso e coisa, convocava para a reunião e não ia e o movimento foi abaixo. Mas tivesse vivendo aqui já tinha muita coisa (...) cada vez reivindicava uma coisa e ia aparecendo outra. Ainda pedi uma verba para construir alguma coisa, uma terra, mas nunca veio nada.

**Cléa** – E a invasão da Liga intimidou, amedrontou?

**Bebelo** – Foi (pausa). Eulina fazia parte fico cismada, ela era interessada, se afastou.

**Cléa** – Aí ficou mais difícil as reuniões? Ameaça?

**Bebelo** – foi ... nem fazia mais. Tinha medo e era ruim mesmo, apanhava (riso). (escuta-se também na gravação o latir de um cachorro).

**Cléa** – Aqui só você foi preso?

**Bebelo** – Só eu. Quando eu respondi o inquérito, e defendi bem, eu me admirei comigo mesmo, não envolvi o pessoal de Arcoverde que criaram, eu não envolvi ninguém.

**Cléa** – E você tinha comunicação com o pessoal de Recife?

**Bebelo** – Tinha, às vezes vinha gente de lá.

**Cléa** – E os de Arcoverde? Também se afastaram?

**Bebelo** – Bom esses ficaram pra lá.

**Cléa** – Não deram mais incentivo a vocês?

**Bebelo** – Não, deram não. Esse negócio havia muita persiga.

**Cléa** – Wilson Porto chegou a ser preso.

**Bebelo** – Chegou a ser preso muitas vezes.

**Cléa** – Por que?

**Bebelo** – Ele era meio marcado do padre, de vez em quando prendiam... soltavam.

**Cléa** – Oh **Bebelo!** E como é que você situa o movimento naquela época hoje em dia? Tem algum movimento que se pode comparar com aquele?

**Bebelo** – Não tem. Hoje tem esses sindicatos na cidade que o pessoal (pessoal) participa lá deles.

**Cléa** – E você acha que hoje o povo já tem mais liberdade para participar destes movimentos populares?

**Bebelo** – Até tem agora. Vem melhorando um pouco, dava para ... até depois desse livre arbitero (arbitrio) ... no tempo que Zé Lolô era vivo, ele veio aqui pra gente criar de novo uma Associação aqui. Mais aí, não deu mais jeito.

**Cléa** – E daquelas pessoas que participaram naquela época ainda tem gente viva?

**Bebelo** – Tem alguns.

**Cléa** – Mas enfrentante do movimento só tem você?

**Bebelo** – Só.

**Cléa** – E hoje em dia se fosse começar aquele movimento, será que as pessoas já estão com a cabeça mais aberta?

**Bebelo** – Eu acho que hoje já. Ta mais aberta, já tem esses sindicatos nas cidades, já tem muita gente do sítio filiado a eles.

**Cléa** – E o governo de Miguel Arraes?

**Bebelo** – o governo de Miguel Arraes, aqui não resolveu nada. Quando chegou, o movimento já tinha acabado... e coisa. Aí ninguém organizou mais, que tava uma dificuldade muito grande o pessoal saindo e coisa.

**Cléa** – E a polícia agia mesmo com muita determinação?

**Bebelo** – Não resolvia. Aqui, essa polícia civil (civil). Aí conversei a história, pronto! Passou. Aí depois ainda veio outra vez atrás deu, mas eu não tava. Tinha se batizado (risos). Ainda veio aqui umas três vez.

**Cléa** – E eles vinham porque tinham recebido alguma denúncia?

**Bebelo** – Bom. Acho que era o padre que mandava. Padre Luís era o perseguidor daqui.

**Cléa** – Aí ele mandava a polícia investigar se vocês continuavam com aquelas idéias?

**Bebelo** – É, mais ou menos, vê quem ... mas o negócio só era em cima deus, Cléa.

**Cléa** – Mas me diga uma coisa. A Liga Camponesa tinha o objetivo único de reivindicar as coisas para a comunidade? Não tinha intervenção nenhuma de partido político?

**Bebelo** – Era esse o objetivo. Tinha até o estatuto. Era uma sociedade civil (civil) com esse interesse de reivindicar, mas podia congregar política, mas não para ele intervir em nada.

**Cléa** – Chegou a ser registrado?

**Bebelo** – Chegou. Tinha estatuto. Tenho vontade de tirar uma cópia daquele estatuto tão bem feito.

**Cléa** – E vocês tinham acessória de algum advogado?

**Bebelo** – Não. Foi lá... nesse tempo era Carmélio Nogueira o tabelião de Buíque, ele registrou tranqüilo.

**Cléa** – E qual é a importância desses movimentos populares de hoje em dia? Você ainda continua vendo isso de maneira positiva?

**Bebelo** – É. Dou valor. Porque se realmente o povo não se juntar pra exigir, aí nunca sai nada. O mineiro teve conversando comigo... sai assim através de uma política. O político vem aqui vê a região e o povo pode falar.

**Cléa** – Mas aí é o que a gente chama de política partidária quando o político favorece apenas aqueles que é seu.

**Bebelo** – Aquele que é seu e com intenção nos votos daquela comunidade. Aquele grupo escolar a idéia nasceu na Liga Camponesa, ninguém tinha idéia de exigir isso. Agora depois Aniba (Aníbal), foi candidato a vereador veio aí no Contador e a gente conversando disse: o que é que precisa? Precisava que o senhor eleito botasse um projeto pedindo, construindo um grupo escolar ali.

**Cléa** – Quantos anos depois?

**Bebelo** – 50 e ...

**Cléa** – 50 não **Bebelo**.

**Bebelo** – É ... de 66. então a idéia vinha. Aí ele aceitou, mas sabe que vinham construir aquele ali e as Barracas (outro sítio) tomou, foi até bom que o daqui é muito melhor (risos). Aí quando Anibá foi Prefeito. Eleito vereador. Que cassaram Blesma. Aí nem precisou falar com ele, quando demos fé chegou aí o caminhão com o matériá (material). Aí construiu o Grupo, mas nasceu assim a idéia ainda foi porque a gente ficou com aquela lembrança de um grupo escolar. Tinha muito menino. Hoje não tem mais não, cresceram e tem nascido muito pouco.

**Cléa** – E hoje tem as escolas da rua (cidade), que os meninos vão.

**Bebelo** – E tem até transporte pra levar. Aqui mesmo tem um carro que vai levar na Pedra. Nas Barracas tem um que vai levar em Buíque.

**Cléa** – Mas naquela época não existia nenhuma escola?

**Bebelo** – Não existia não. Teve uma escola aqui tia Tonha ensinou uns tempos.

**Cléa** – Dona Olívia, as filhas de D. Olívia.

**Bebelo** – Cleonice ensinou aqui uns dias. Eulina ainda ensinou uns dias, quando mudou o prefeito, de tio Né , ela foi demitida. Aí ele mandou uma de Buíque, ela passou uns tempos, mas não ensinava nada não, era leiga de tudo.

**Cléa** – Oh! **Bebelo**, mas veja, você diz que a Liga não tinha interesse, não divulgava idéias de partido nenhum. Mas por que essas represálias e esse cuidado em mandar desarticular as Ligas.

**Bebelo** – o negócio é porque onda chegava um movimento assim o povo ia tendo luz de reivindicar e eles não queriam isso porque o povo ia se desenvolvendo, e eles só querem por eles, ai vim algum beneficio por meio deles para eles receber o voto do povo. Aí eles não querem a organização do povo. Hoje já quer, mas naquele tempo não queriam que se organizasse nada.

**Cléa** – **Bebelo** confirma que a diretoria da Liga Camponesa tinha a mesma estrutura que hoje as associações têm.

**Bebelo** – É. Presidente, Secretario, Tisoureiro e uma Comissão Fiscá (fiscal). Agora vive-presidente não tinha não.

**Cléa** – Essa diretoria hoje em dia já impera por esses movimentos populares que a gente tem, as associações de moradores contemplam esta mesma diretoria.

**Bebelo** – Essas associações. Lá em Caruaru tem essas associações na rua e nos sítios tem outras associações, também.

**Cléa** – Mas você acha que naquela época foi um movimento avançado para essa região.

**Bebelo** – Já foi. Dr. Pereira, do instrumento agrícola. Fizemos uma petição pedindo uma semente, ele disse: “Vixe! Isso é lá da minha terra, do Rio de Janeiro, como é que esse negócio nasceu aqui?” Ele admirou-se. (risos).

**Cléa** – Causou admiração a este homem que era do Rio de Janeiro e achava...

**Bebelo** – Ele veio trabalhar em Arcoverde com instrumentação agrícola. “isso é lá da minha terra do Rio de Janeiro como é que vocês criaram isso aqui?”

**Cléa** – E na verdade as pessoas que criaram isso aqui elas tinham conhecimento de onde vinham essas idéias?

**Bebelo** – Tinham, mais ou menos. A idéia vinha mais ou menos de quem arranjava mais essas coisas era o PC (Partido Comunista). Mas preparava, mas não fazia parte. Só fazia preparar o negócio.

**Cléa** - Eu acho que eles procuravam um líder, uma pessoa que tivesse condições de dar continuidade...

**Bebelo** – Organizar. Pegar aquela pessoa que tivesse mais idéias para dirigir.

**Cléa** – Depois as pessoas iam avaliar o movimento se valia a pena ou não?

**Bebelo** – As pessoas via o estatuto, e via o que era que precisava reivindicar para a comunidade. De fato esta escola aí Pedro de Arcanta (Alcântara) Moura veio da Liga Camponesa, da idéia.

**Cléa** – A idéia nasceu no tempo da organização da Liga?

**Bebelo** – Foi. Dr. Zé Cursino mandou Zé Magalhães França vim dizer, representar ele dizendo que ia construir uma escola.

**Cléa** – Mas não fez.

**Bebelo**- Fez não. Era só enrolada dele.

**Cléa** – Depois o outro que o substituiu?

**Bebelo** - – Deu logo o tijolo a tio Né e a telha (riso).

**Cléa** – Depois no outro governo?

**Bebelo** – Foi. Passou bem três governos para poder ser construída.

**Cléa** – Mas os representantes da Liga, no caso, você continuava sempre insistindo?

**Bebelo** – Bom, eu era ... Quando Jonas Camêlo foi candidato a vereador ele disse: O que é que precisa aqui? Eu disse; a gente precisa de um grupo escolar tem muito menino aqui e coisa... Ele Disse; eu faço. Aí fez mesmo, mas nas Barracas (riso). Mas seu Aniba (Aníbal) conhecia a história. Eu disse a mesma coisa a Aniba. Disse que a gente não precisava de auxílio, precisava de uma escola. Aí ele disse: pronto. Ele foi vereador e eu digo: Aniba já entrou com o projeto? Jonas (também vereador), cadê o projeto? Ah! Não adianta eu botar porque aquele nego não faz. Aquele problema dele com Zé Lia (Elias). Aí quando Aniba entrou ... foi candidato e eu tratei o assunto: Aniba e aquele projeto do grupo escolar do Contador? Aí ele disse: Não adianta **Bebelo**. Ele já estava meio chocado com Blesma. E disse: esse prefeito não faz. Aí ele pegou a prefeitura e não careceu mais nada, ele mandou logo fazer.

**Cléa** – Oh! **Bebelo**. E quem era que tinha direito a participar da Liga?

**Bebelo** – Todo agricultor tinha direito a ser sócio. Contribuía com uma coisinha por mês que era para fazer o movimento... não sei onde estar o Estatuto da Liga ..., que fim levou... o livro de ata também, eu não sei que fim levou ... Também já faz muito tempo. (um galo cantou).

**Cléa** – Naquela época as pessoas gostavam desse tipo de movimento?

**Bebelo** – Até ia. Agora aqui que já tinha essa igreja ( congregação Batista), já reunia o povo, até vinha para as reuniões.

**Cléa** – Foi um movimento popular?

**Bebelo** – Todo mundo entrava contribuía com uma coisinha...

**Cléa** – O que afastou o povo foi a invasão da polícia?

**Bebelo** – A polícia a mando do padre Luís Simões. Veio um caroço de algodão e o Padre Luís ficou com ele lá na rua (cidade), deu a Tió Pompo. Não mandou mais pra qui não.

**Cléa** – E essa semente veio em nome da Liga?

**Bebelo** – Da Liga Camponesa. Tinha até escrito nos sacos L.C.C. (Liga Camponesa do Contador).

**Cléa** – Como vocês foram informados?

**Bebelo** – A gente vimos. Eu vi lá na estação. Aí nunca veio cá. Então eu subi que o Padre tinha mandado Tió Pompo pegar. Tio Pompo pegou deu lá a quem quis.

**Cléa** – E vocês ficaram sem o caroço de algodão?

**Bebelo** – Ainda pegou as outras sementes. Um milhozinho, um feijão, um arroz com casca, ainda pegamo enxada também.

**Cléa** – Bem, vamos encerrar a entrevista com Onofre Alves Siqueira que falou sobre o movimento popular que ocorreu aqui no Sítio Contador e abrangia Contador, Capoeira de Dentro, Barracas, esses três sítios ficam localizados na divisa do município de Pedra e Buíque, em Pernambuco. Mas a gente sabe que em Pernambuco esse movimento foi bem forte na Zona da Mata.

**Bebelo** – Na Zona da Mata foi forte, até o governo comprou um pedaço de terra pro pessoal.

**Cléa** – Porque Francisco Julião um dos idealistas foi perseguido?

**Bebelo** – Foi. Foi embora, mas nessa época que a gente criou aqui ninguém falava em Francisco ainda. Ele foi muito depois.

**Cléa** – A daqui foi desativada mais ou menos nos anos...?

**Bebelo** – Durou pouco, uns 04 anos. Nós reivindicamos milho, feijão, da Secretaria de Agricultura. Eu ainda fui lá onde tava Barros Barrete (Barreto), Secretário de Agricultura e entreguei a petição. E ele mandou. Outra vez a gente mandou e veio até enxada.

**Cléa** – A dificuldade de comunicação com os deputados. Como era que você chegou a esse deputado?

**Bebelo** – Não. Barros Barrete (Barreto) era o Secretário de Agricultura. Ele gostava das Ligas Camponesas.

**Cléa** – E quem era o governador nessa época?

**Bebelo** – Nessa época era bem Barbosa Lima.

**Cléa** – Como foi que você chegou até ele?

**Bebelo** – Eu fui para Recife.

**Cléa** – Qual o meio de transporte?

**Bebelo** – Peguei um ônibus aí no Arcoverde. Fui pra Recife pra casa de um amigo meu. Aí ele foi comigo até o Secretário de Agricultura. Aí eu falei com Barros Barrete (Barreto) e ele mandou. Fui atendido uns três anos.